

Liturgia e pandemia: as respostas da Igreja do Nazareno frente aos desafios do novo coronavírus

Liturgy and pandemics: the responses of the Church of the Nazarene in front of the challenges of the new coronavirus

Vinicius Couto¹

Resumo

O presente ensaio analisa as maneiras como a Igreja do Nazareno tem respondido aos desafios litúrgicos causados pela pandemia do novo coronavírus, especialmente no que tange à realização das programações eclesiais, à *communio sanctorum* e à administração dos sacramentos batismo e ceia do Senhor. A pesquisa é bibliográfica e dialoga principalmente com os artigos de um dossiê sobre os desafios ministeriais em tempos de pandemia organizado pelo *Didache*, um periódico da Igreja do Nazareno em que pastores e professores de vários países atuam como articulistas. Antes disso, entretanto, o texto reúne informações da pandemia da gripe espanhola, ocorrida há 100 anos, e apresenta algumas ações tomadas pelos nazarenos naquele tempo, a fim de discutir a evolução da tratativa denominacional em tempos pandêmicos. Concluiu-se que, para os desafios provocados pelo novo coronavírus, medidas mais maduras foram adotadas desde a pandemia da gripe espanhola, que os desafios globais contemporâneos têm sido discutidos de modo contextual e em concordância com os órgãos sanitários mundiais e, que, devido à nova normalidade causada pelo desafio sanitário, modelos litúrgicos híbridos têm sido utilizados paliativamente, mas poderão servir como um formato que se consolide mesmo em condições similares às predecessoras do novo coronavírus.

Palavras-chave

Liturgia. Pandemia. Coronavírus. Sacramentos. Igreja do Nazareno.

Abstract

This essay examines the ways in which the Church of the Nazarene has responded to liturgical challenges caused by the pandemic of the new coronavirus, especially with regard to carrying out ecclesial programs, *communio sanctorum* and administering the sacraments baptism and Lord's supper. The research is bibliographic and dialogues mainly with articles in a dossier on ministerial challenges in times of pandemic organized by *Didache*, a periodical of the Church of the Nazarene in which pastors and teachers from various countries act as columnists. Before that, however, the text gathers information from the Spanish flu pandemic, which occurred a hundred years ago and presents some actions taken by the Nazarenes at that time, in order to discuss the evolution of the denominational approach in pandemic times. It was concluded that, for the challenges caused by the new coronavirus, more mature measures have been adopted since the Spanish flu pandemic, that global contemporary challenges have been discussed in a contextual manner and in agreement with the world health agencies and that, due to the new normality caused by the health challenge, hybrid liturgical models have been used palliatively, but, they can serve as a format that can be consolidated even in conditions similar to the predecessors of the new coronavirus.

Keywords

Liturgy. Pandemic. Coronavirus. Sacraments. Church of the Nazarene.

¹ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Bacharel em Teologia pela Faculdade Nazarena do Brasil (FNB) e em Administração de Empresas pela UCAM. Professor do Seminário Teológico Nazareno do Brasil (STNB). Contato: prvinciuscouto@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A Igreja do Nazareno é uma denominação evangélica oriunda do Movimento de Santidade Norte-Americano² e fruto da união de três grupos desse segmento (Igreja do Nazareno, Associação de Igrejas Pentecostais da América e Igreja de Cristo de Santidade), cuja fusão se consolidou entre os anos de 1907 e 1908 sob a nomenclatura de *Igreja Pentecostal do Nazareno*³. Assim como qualquer outra instituição religiosa, ela está enfrentando os desafios provenientes da pandemia causada pelo novo coronavírus. Mas, essa não é a primeira vez que a Igreja do Nazareno passa por uma situação assim. Entre os anos de 1918 e 1920, o mundo lutava contra outra crise global de saúde, a saber, a gripe espanhola, que fez mais vítimas do que a Primeira Grande Guerra Mundial, iniciada alguns anos antes. Essa pandemia do início do século XX foi responsável pela morte de mais de 50 milhões de pessoas em todo o planeta, apesar de haver dados ainda mais assustadores, contabilizando a casa dos 100 milhões de pessoas como possível estatística de mortandade (SPREEUWENBERG; KRONEMAN; PAGET, 2018, p. 2561-2567). Assim, não bastassem os trágicos óbitos sofridos no campo de batalha da Primeira Grande Guerra Mundial, as pessoas não tiveram muito tempo para tomar um fôlego, precisando lidar com um inimigo viral invisível.

A pandemia atual também tem gerado muitos desafios semelhantes aos da gripe espanhola, mas as autoridades governamentais parecem estar conseguindo ter mais eficácia quanto ao controle de mortalidade em função das medidas de isolamento e quarentena realizadas nos vários países do globo. Mesmo assim, os efeitos na economia, educação e em vários outros segmentos da sociedade, têm sido devastadores e levado a população a pensar uma nova normalidade de vida em que todos esses meios se equilibrem e sejam sustentáveis. O meio religioso não está isento desses desafios e cada grupo tem dado suas respostas à luz do contexto e de sua liturgia. A palavra liturgia vem do grego *λειτουργία* e tem a conotação de serviço/ação do povo. Envolve a ideia de como as pessoas prestam culto a Deus em termos cerimoniais (por exemplo, batismo, ceia do Senhor, contribuições, oração, leitura da Bíblia etc.) e também como trabalham para Deus em termos práticos, de ação benfeitora a toda a criação (obras de misericórdia, ação social etc.). A Igreja do Nazareno, como já adiantado, foi formada no contexto estadunidense do início do século XIX. Atualmente, no entanto, ela está presente em aproximadamente 160 países, o que dificulta ainda mais o tratamento de determinados problemas em função da demora na tomada de decisões e até mesmo na comunicação das medidas adotadas. Diante disso, como a Igreja do Nazareno tem lidado com os desafios atuais do novo coronavírus? Que medidas ela tem procurado tomar diante da administração dos

² O Movimento de Santidade nasceu durante o Segundo Grande Despertar dos Estados Unidos, desde o início do século XIX, especialmente dentro do metodismo. A ênfase desse movimento recaía na responsabilidade humana diante da salvação, na experiência pessoal de conversão, em aspectos sociais do Evangelho e no engajamento dos cristãos, na pecaminosidade humana e na livre graça de Deus.

³ Para mais informações sobre a história da Igreja do Nazareno, ver Couto (2019a, 2019c).

sacramentos e da *communio sanctorum*? O que ela pôde aprender a partir da experiência com a pandemia da gripe espanhola?

Com base nessas especificidades contextuais, o presente artigo analisa, por meio de pesquisa bibliográfica, a maneira como a Igreja do Nazareno lidou com a pandemia do passado e também como tem lidado com os desafios da pandemia do e no presente, descrevendo suas ações litúrgicas em meio a essas fases de isolamento social transcorridas num espaço de quase 100 anos. Nossa principal fonte bibliográfica é oriunda de um dossiê realizado pelo *Didache*, um periódico editado pela Igreja do Nazareno e que conta com artigos de pastores e professores de várias igrejas e instituições educacionais nazarenas pelo mundo. O último volume trouxe um dossiê com ensaios sobre os desafios ministeriais enfrentados durante a pandemia. Os articulistas são norte-americanos, britânicos e africanos (Quênia e África do Sul), o que nos permite ter um olhar internacional da Igreja do Nazareno, ainda que por amostragem.

1 A ATUAÇÃO LITÚRGICA DA IGREJA DO NAZARENO DURANTE A PANDEMIA DA GRIPE ESPANHOLA

A pandemia da gripe espanhola trouxe um período devastador e crítico para a sociedade e, em momentos como esse, é inerente à raça humana a busca por respostas existenciais. De acordo com o sociólogo Armin Steil (1993, p. 259-262), a humanidade costuma adotar um dentre os três tipos de atitude em face de uma crise: a do profeta, a do sacerdote ou a do mandarim. O primeiro grupo é aquele que olha para a crise de maneira progressista, enxergando oportunidades de avanço e melhorias, num prisma que, às vezes, beira a utopia; o segundo olha de maneira conservadora, fazendo uma leitura mítica, de retorno às origens e especialmente à tradição; o último grupo olha de modo historicista, visando construir uma narrativa histórica da situação. Os dois primeiros grupos são mais fáceis de se identificar em situações de crise, especialmente nesse primeiro recorte cronológico que estamos dispostos a analisar, 1918 a 1920.

A cosmovisão sacerdotal diante da crise coincide com um avanço muito grande do movimento pentecostal que, desde o início do século XX, enfatizava sua doutrina peculiar de que o batismo com o Espírito Santo é evidenciado pelo fenômeno da *glossolalia* e/ou *xenolalia*. Mas o pentecostalismo não enfatizou apenas isso. Ainda no início do movimento, um outro aliado teológico que lhe fortaleceu foi o dispensacionalismo escatológico, que levava à compreensão pessimista da realidade, cujo jargão “quanto pior melhor” servia como um belo *slogan* para os efeitos devastadores da Primeira Grande Guerra Mundial. Essa linha escatológica lida com o apocalíptico, com o cenário de caos e com a ideia de que a intervenção para que o pior seja transformado em melhor tem que partir de uma ação miraculosa e sobrenatural do divino. Se o ser humano é mal e o mundo é mal, não se deve esperar nada de bom aqui em baixo, exceto na ideia de um reino literalmente milenar que Cristo governará. Esse discurso cataclísmico pessimista propõe que não há lugar melhor para se estar senão na presença do

metafísico, do Deus transcendente, beirando o quietismo. Assim, a experiência pentecostal era o cimento que dava liga a uma nova forma de evangelicalismo estadunidense do século XX.

Em 1919, bem no meio da pandemia da gripe espanhola, depois de atender a diversos pedidos pelos Estados Unidos, a Assembleia Geral modificou o nome da denominação, retirando a expressão “pentecostal”, visto que o termo havia sido amplamente ressignificado para a compreensão de “falar em línguas” (PERABEAU, 2011, p. 21-38). Com isso, o nome da denominação passou a ser *Igreja do Nazareno*, uma nomenclatura homônima àquela fundada por Phineas Bresee e seu amigo Joseph Pomeroy Widney, em 1895, sob a alegação de que o título “nazareno” fazia jus à faceta mais humilde de Jesus e representava bem a missão daqueles ex-metodistas de alcançar a camada marginalizada da sociedade de negros, latinos e pobres, em geral. No entanto, nessa mesma época, os grupos sulistas pressionavam a oficialização de uma escatologia dispensacional ou uma desunião da recente igreja. Apesar de as teorias sobre a segunda vinda de Cristo (pré-meso-pós-tribulacionismo e pré-pós-a-milenismo) serem vistas como secundárias principalmente pelos grupos formativos do Leste e Oeste, os sulistas “abraçaram ardentemente o pré-milenismo dispensacionalista como sendo a única visão correta sobre o assunto, além de considera-la de maior importância”, de maneira que “a teologia popular nazarena cresceu excessivamente no pré-milenismo dispensacionalista que abasteceu o fundamentalismo” (INGERSOL, 2014, p. 12). Não bastasse isso, os sulistas ainda “adotaram um espírito militante” contra os que não professavam o dispensacionismo (INGERSOL, 2014, p. 13).

Os dispensacionistas também seguem uma hermenêutica literalista e geralmente seguem ideias mais bíblicas/fundamentalistas, além de advogarem ciclos (ou dispensações) do juízo de Deus sobre a humanidade pecadora.⁴ Assim, “aqueles que se tornaram nazarenos nos anos 1920 não eram comprometidos apenas com a santidade [a inteira santificação, doutrina basilar do Movimento de Santidade], mas frequentemente com o pré-milenismo, a inerrância das Escrituras, criacionismo e questões relacionadas ao fundamentalismo” (CUNNINGHAM, 2009, p. 185). Essa vertente escatológica começou a fazer progresso entre os nazarenos e passou a ser um fator chave, a ponto de os sulistas ameaçarem uma divisão denominacional (SMITH, 1962, p. 316). Um bom jogo de cintura se seguiu dali em diante, alegando que era mais importante a denominação se fixar em elementos mais claros da escatologia (por exemplo, a segunda vinda de Cristo e o estado eterno) do que se debruçar em questões especulativas e de

⁴ Visões extremadas sobre o caos a partir da ideia do juízo de Deus são comuns em vários grupos religiosos. Durante a fase da peste negra, no século XIV, alguns movimentos católicos, de visão *sacerdotal* (STEIL, 1993), lidaram com o caos à luz de uma mentalidade de juízo. Na concepção deles, aquela imensa mortandade tinha a ver com o julgamento de Deus acerca da profunda pecaminosidade e más obras da humanidade. Como medida propiciatória, um desses grupos criou um mecanismo de autoflagelação e saíam pelas ruas em procissões realizando tais atos. Outro grupo acusou os judeus como sendo os responsáveis por aquele juízo divino e passou a persegui-los, assassinando vários deles. É claro que as autoridades católicas reconheceram que ambas as práticas eram erradas. Para mais informações, ver Gobel (2017) e Zentner (2015).

caráter secundário (por exemplo, as discussões quilialistas), pois isso garantiria a unidade denominacional (BASSET, 1978, p. 65-67).

Além do sacerdotalismo da crise, havia o mau exemplo de autoridades públicas e religiosas. A gripe espanhola foi subvalorizada no início das contaminações. O discurso público em alguns estados do Estados Unidos menosprezava a doença, como se fosse mais uma “gripezinha”. Na medida em que os surtos se espalhavam, a concepção mudou para um “resfriado grave” (INFLUENZA ENCYCLOPEDIA, 2016). Temos registros de que, em 28 de setembro de 1918, mesmo com a fala preocupante dos médicos sobre o risco de rápida contaminação e de contramedidas responsivas urgentes, autoridades da Filadélfia não deram muita atenção ao caso e mantiveram algumas programações do calendário festivo. Foi quando um desfile aglomerou grandes multidões e trouxe o péssimo e trágico resultado de que, três dias depois, os hospitais da cidade se encheram de pessoas contaminadas e bateram o recorde de mais de 2.600 óbitos numa única semana. Em Saint Louis, a situação conseguiu superar esse caso. O prefeito tomou medidas de isolamento apenas nos dois dias subsequentes ao primeiro registro de contágio e logo em seguida liberou todas as atividades para seguirem livres. O resultado foi uma mortalidade dobrada em relação à da Filadélfia (INGERSOL, 2020a).

As igrejas não foram menos afetadas. Um jovem pastor e também superintendente da Igreja do Nazareno, Homer Goodell, responsável pelo Distrito da Flórida, morreu em setembro de 1918 aos 36 anos de idade, acometido pela referida gripe (INGERSOL, 2020a). Aos poucos, a sociedade ia tomando melhor dimensão do perigo iminente e da necessidade de tomar medidas protetivas e preventivas. A partir de um ato deliberativo mais rígido, as autoridades do estado de Kentucky estabeleceram uma fase de quarentena. Isso levou ao adiamento da Assembleia Distrital da Igreja do Nazareno de Kentucky. Numa decisão sensata, o superintendente geral em jurisdição, John Goodwin, adiou as assembleias que estavam programadas para os distritos de Arkansas e Dallas (INGERSOL, 2020a). No mesmo ano, a gripe apenas não infectou 25 (10%) pessoas das quase 250 – entre alunos e professores – da Northwest Nazarene College. A Eastern Nazarene College contraiu dívidas severas nessa fase, por conta da perda de alunos e da impossibilidade de novos ingressos (PERABEAU, 2011, p. 189). Outra instituição nazarena, a Peniel College, estava com um elevado índice de pré-matrículas para aquele ano, mas devido à já manifesta pandemia, precisou adiar suas atividades. A perda de alunos, no entanto, não pode ser comparável à perda da senhorita Green, que era chefe do departamento de fala (INGERSOL, 2020a).

Noutra área dos Estados Unidos, o clima era de atenção e, por isso, Roy Tilman Williams, que era outro superintendente geral (SG) àquele tempo, apesar de não ter cancelado a Assembleia Distrital do Leste de Oklahoma, 1918, abriu a mesma sugerindo que apenas os negócios essenciais fossem conduzidos e alertando que as autoridades municipais poderiam fechar todas as reuniões públicas em breve, incluindo as eclesiásticas. Os delegados presentes concordaram com a fala do SG (INGERSOL, 2020a). O estado da Pensilvânia, por exemplo,

fechou bares e outros locais de reunião no início do segundo semestre de 1918 e deixou a questão das igrejas sob a decisão das autoridades locais, mesmo assim, com a condicionante de que, aquelas pessoas que estivessem tossindo ou resfriadas não deveriam ir aos cultos. Contudo, em outubro daquele mesmo ano, as autoridades perceberam que a medida deveria ser mais rígida, a fim de que as aglomerações fossem minimizadas, estendendo o fechamento a todas as casas de culto, portanto (INGERSOL, 2020a). Em outubro de 1918, o governador do Alabama também ordenou o fechamento de escolas, igrejas e teatros para evitar a propagação da gripe (GARRISON, 2020). E no começo do ano seguinte, 1919, o Colorado passou por essa situação, de modo que todas as igrejas daquele Distrito estiveram fechadas entre três e quatro meses.

Atitudes mais benéficas perante a crise foram tomadas. Os líderes nazarenos que apoiaram a quarentena e isolamentos, bem como a seletividade de serviços essenciais, estavam preocupados com a vida do próximo e podiam colher melhores frutos posteriormente. Algumas igrejas cederam o espaço do templo para que macas fossem implantadas e para que ajudassem no amparo aos contaminados (SMITH, 2020). Apesar de não ter encontrado algum registro de nenhuma comunidade nazarena fazendo isso, é provável que alguma também tenha seguido essa tendência, já que, historicamente, a Igreja do Nazareno era engajada com questões sociais.⁵ Foi preciso fazer uma readequação dos recursos materiais e imateriais. Por isso, ainda que naqueles dias as igrejas não usufríssem da *World Wide Web* e não fosse possível haver alguma transmissão ao vivo das programações, muitas comunidades enviavam sermões, estudos e leituras bíblicas, bem como materiais de oração para os seus membros, além de sugerirem a eles que observassem aquele tempo destinado aos cultos, outrora nos templos, para práticas devocionais familiares de oração e leitura da Bíblia em casa. As contribuições também não paralisaram. Mesmo não havendo contas bancárias e transações on-line, os tesoureiros iam às casas dos membros e recebiam os dízimos e ofertas (INGERSOL, 2020a; GARRISON, 2020).

A pandemia da gripe espanhola trouxe alguma sensibilização que transcendia as fronteiras religiosas e as atitudes se alinhavam com a cosmovisão profética diante das crises:

O jornal [de Pittsburgh] falava de Irmãs da Misericórdia ajudando uma “família hebraica” afetada pela gripe no distrito de Hill, das Irmãs Vicentinas oferecendo um lar temporário para crianças de South Side cuja mãe morreu e o pai foi hospitalizado, de padres que ministraram a várias paróquias como seus colegas adoeceram. O Critério Judaico falava de esforços semelhantes de várias instituições de caridade judaicas, desde ajuda financeira a enterros, ajudando judeus e não judeus. As enfermeiras e outros trabalhadores da Irene Kauffman Settlement House, uma precursora do Centro Comunitário Judaico da grande Pittsburgh, “foram a centenas de lares visitados por doença e morte e ajudaram os doentes e deram alegria e conforto aos enlutados”, o Critério

⁵ Ingersol (2020b) explicou que as diaconisas trabalhavam sob a supervisão de um presbítero ordenado e que desempenhavam ministérios religiosos e/ou sociais, visitando os enfermos, sentando-se com os moribundos e pregando em prisões. Nas áreas urbanas, era comum ver as diaconisas trabalhando em regiões menos favorecidas, especialmente as periferias, as favelas, onde elas costumavam ensinar sobre higiene e tentavam aliviar os efeitos da pobreza por meio de doações e arrecadações. Embora não detalhe como, Ingersol (2020b) ainda explica que, “durante a epidemia de gripe espanhola de 1918-1920, as diaconisas nazarenas desempenharam um papel importante no cuidado dos enfermos”.

escreveu. As mulheres preparavam “caldos e outros alimentos nutritivos” para os doentes. [E] um culto inter-religioso de ação de graças foi realizado no final de novembro, com clérigos católicos, judeus e protestantes dando graças pela vitória na Primeira Guerra Mundial (SMITH, 2020).

Uma vez que a Igreja do Nazareno não seguia (e não segue) uma forma de governo episcopal, as ações eram diversificadas nas suas várias comunidades estadunidenses e mesmo internacionais que já existiam àquela altura. É possível saber um pouco mais das ações eclesiais, mas as medidas só poderão ser conhecidas a partir dos documentos da época, tais como atas das assembleias locais, distritais e gerais. O acesso a esses documentos exigiria uma pesquisa de campo complexa e que necessitaria de alto investimento. Sendo esse tipo de pesquisa intangível para o momento, tivemos a chance de verificar algumas das principais bibliografias historiográficas da Igreja do Nazareno em seus anos formativos e artigos do arquivista oficial da denominação, o Dr. Ingersol, a quem mencionamos algumas vezes até aqui. Uma fragilidade interessante está na obra de Smith (1962), que cobre o espaço de 1858 a 1933, mas, negligencia eventos como a Primeira Grande Guerra Mundial e a própria pandemia da gripe espanhola. Apesar das limitações, foi possível ter uma visão ampla da maneira como os nazarenos lidaram com a pandemia da gripe espanhola. Os excessos sacerdotais foram controlados e as ações proféticas acabaram prevalecendo e promovendo resultados mais interessantes para a sociedade, em geral. No entanto, nosso objetivo não é paralisar aqui, mas, principalmente, verificar como a mesma Igreja, agora maior em membresia e em presença geográfica (atualmente, em aproximadamente 160 países), tem lidado com a pandemia do novo coronavírus. Será que alguma lição pôde ser aprendida com a experiência da gripe espanhola?

2 A AÇÃO LITÚRGICA DA IGREJA DO NAZARENO DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

A pandemia da gripe espanhola já completou 100 anos desde o seu ocaso. É um pouco mais fácil abordar algo que já finalizou, pois os dados estão consolidados e disponíveis, geralmente com abordagens mais holísticas, especialmente depois de ter passado um centenário. O novo coronavírus, no entanto, está numa tendência de queda no momento em que este ensaio é escrito, entre outubro e novembro de 2020 – e voltou a ter uma nova onda de aumento ainda em novembro. Analisar esse fenômeno é difícil, pois o andamento do mesmo sofre alterações diariamente. Os primeiros casos foram detectados em 31 de dezembro de 2019, registrados na China. Desde então, alguns países europeus, como Itália, Espanha, França e Inglaterra passaram por uma rápida infecção e alta taxa de mortalidade. Já o primeiro caso no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020.⁶ As medidas de isolamento ajudaram a conter o contágio do vírus e têm corroborado para a redução de casos em todo o mundo.

⁶ Podemos conferir os dados em Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/linha-do-tempo>>. Acesso em: 5 out. 2020.

Semelhantemente à pandemia da gripe espanhola, as autoridades governamentais têm lidado com a política de quarentenas, isolamentos sociais e seleção de serviços essenciais etc. O último caso fez com que várias igrejas fossem temporariamente fechadas e forçou os líderes religiosos a repensarem a liturgia eclesial. Essa “temporada [do novo coronavírus] certamente destacou que a Igreja é um povo e não um edifício. Não vamos à igreja, pelo contrário, somos a igreja” (PETERSON, 2020, p. 1). Embora saibamos isso na teoria, a prática tem tornado essa verdade muito mais nítida e arrancado quaisquer más compreensões nebulosas, pois “uma das principais práticas distintas para os cristãos ao longo de sua existência é estarem fisicamente reunidos pelo Espírito para adoração comunitária” (PETERSON, 2020, p. 1) e a ausência de tal prática tem demonstrado que a nossa comunhão não está restrita aos templos físicos. Mesmo assim, as palavras de um veículo de informação oficial nacional reforçam essa realidade de que durante essa fase pandêmica, tem sido redescoberta “uma igreja composta por gente, por pessoas, por irmãos e irmãs” (OLIVEIRA, 2020, p. 7). A saudade do contato físico tem colaborado para isso. Pensando no *status quo* dos desafios litúrgicos em meio à pandemia do novo coronavírus, é possível destacar, no mínimo, dois pontos basilares para a discussão: (1) a importância da tecnologia para a liturgia e (2) o desafio da administração dos sacramentos.

2.1 A importância da tecnologia para a liturgia

O cristianismo, mesmo em seus vários segmentos, parte da premissa de que as pessoas precisam se reunir para a adoração pública. As palavras de Jesus dizem que, o mínimo para isso, é a participação de duas ou mais pessoas (Mt 18,20). O apóstolo Paulo incentivou seus leitores a se saudarem com ósculo santo (Rm 16,16; 1 Co 16,20). A Igreja é comparada a um corpo, um organismo vivo, dinâmico e interconectado (1 Co 12,1). É difícil, portanto, lidar com requisitos como esses quando estamos em fase de distanciamento social. No entanto, “as igrejas *devem* considerar seriamente as possibilidades práticas e visitar as implicações teológicas da integração da tecnologia digital em seus métodos habituais de adoração corporativa” (POTTENGER, 2020, p. 1, grifo do autor). Apesar da linguagem incisiva do *dever*, a fala de Pottenger é importante para o fato de que não podemos ignorar a realidade. Não usufruir da tecnologia nesse momento é isolar a adoração e abandonar a comunhão dos santos. Movimentos monásticos isolacionistas, especialmente os eremitas, não cumpriram adequadamente o papel social da igreja no passado. Num contexto de crítica a esse tipo de comportamento antissocial, isolacionista, independente e autônomo é que John Wesley (de quem a Igreja do Nazareno segue a base de sua herança doutrinária) declarou que, “o Evangelho de Cristo não conhece religião que não seja religião social; não conhece santidade, que não seja santidade social”, alegando que não existem “santos solitários” (WESLEY, 1831, p. 593). Por isso, a tecnologia pode servir como um meio (não um fim) para colaborar com essa *communio sanctorum*, proporcionando a oportunidade de interação do corpo de Cristo, ainda que virtualmente. É claro

que a tecnologia pode ser benéfica e maléfica, dependendo do uso. Por isso, seguem alguns pontos que precisam ser observados nesse contexto tecnológico.

2.1.1 O caráter temporário da liturgia virtual

Enquanto este texto está sendo elaborado, entre outubro e novembro de 2020, vacinas estão sendo testadas e preparadas ao redor do mundo. Não é utopia pensar que em alguns meses as programações presenciais poderão retomar com alguma similitude ao que era feito antes. É utópico pensar que será igual. As rotinas irão voltar paulatinamente, se voltarem plenamente. A pandemia deve deixar algumas marcas, cicatrizes, reflexões, quebra de paradigmas e aprendizados. Dificilmente, as comunidades seguirão com a mesma visão litúrgica e poderão aplicar novos aprendizados em suas novas rotinas. Enquanto isso, as comunidades não podem ficar inativas e em ostracismo. A tecnologia ajuda a aproximar as pessoas e a refletir comunitariamente sobre os desafios que nos cercam, a continuar crescendo conforme à imagem de Deus, a orar por mudanças, a vestir o manto da empatia, a realizar as obras de misericórdia e até mesmo a usufruir dos meios de graça etc. As pessoas que tendem à introspecção não podem se fixar nesse modelo e os que tendem à extroversão não precisam se angustiar. No entanto, a fase pós-pandemia pode ajudar a pensar em modelos híbridos que possam ajudar na inserção da comunidade.

2.1.2 A realidade de uma comunhão desencarnada

A programação virtual causa uma sensação de que não estamos usufruindo exatamente da *communio sanctorum*. Essa sensação parece fazer mais sentido especialmente entre o povo latino-americano, que tem uma cultura mais interativa, calorosa, recheada de abraços, risos e diversões, muitas vezes acompanhados de comidas e festas. Mas, não podemos ignorar que, “a comunhão genuína não dependia de cristãos habitando simultaneamente o mesmo espaço físico. Na verdade, a teologia e a organização cristãs desenvolveram-se, significativamente, como resultado parcial da troca de correspondência escrita” (POTTENGER, 2020, p. 3). Se passarmos pelo último capítulo da epístola de Paulo aos Romanos, teremos um exemplo disso. A diversidade de nomes listada ali e as saudações paulinas assinalam a afetividade e a comunhão que aquelas pessoas tinham, mesmo estando a quilômetros de distância. No entanto, precisamos dizer que, aquele universo epistolar não faz mais sentido nessa era líquida. O tempo que uma correspondência demora para ser recebida e respondida não atende às nossas necessidades. Assim, a tecnologia atual nos ajuda a mantermos relacionamentos audiovisuais mais precisos, possibilitando a interação simultânea entre pessoas que estão literalmente do outro lado do mundo. Deste modo, “ao contrário da fraseologia popular de ‘distanciamento social’, a tecnologia interveio para reduzir a divisão social” (BENJIMAN, 2020, p. 4). Como vimos, a comunhão “desencarnada” não é uma novidade e a tecnologia pode amenizar a distância rígida entre as pessoas.

2.1.3 A natureza da adoração

O povo latino-americano, em função da colonização religiosa (tanto do catolicismo europeu como dos protestantismos de imigração e missão europeus e estadunidenses), muitas vezes é apegado ao templo, ao local físico de reunião. Por isso, “quando a eclesiologia de uma pessoa está intrinsecamente ligada a tijolos e argamassa, a notícia do fechamento do prédio seria devastadora” (WOOD, 2020, p. 5). Em contrapartida, “se todos os envolvidos forem introduzidos em uma sensação única da presença de Cristo que está espiritualmente presente além do espaço físico, a igreja de Cristo está espiritualmente conectada a Deus e uns aos outros no ciberespaço” (DUCE, 2020, p. 3). Se lembrarmos que, “as primeiras gerações de cristãos se encontraram em uma variedade de lugares: casas, templo, ao ar livre e socialização entre o público”, poderemos destacar que, “a notícia do fechamento de prédios de igrejas não seria novidade para eles, pois não tinham prédios públicos a perder” e que “sua capacidade de se adaptar e prosperar em diversos ambientes sociais, políticos e geográficos foi a chave para sua proliferação no Império Romano” (WOOD, 2020, p. 5). Jesus mostrou essa realidade à mulher samaritana quando respondeu à sua pergunta sobre a prioridade do lugar físico para a adoração coletiva. De acordo com Cristo, não é o templo dos judeus em Jerusalém e tampouco o templo dos samaritanos no monte Gerizim o diferencial, mas a conectividade interior de cada pessoa que importa em relação à adorabilidade, já que os verdadeiros adoradores exercem essa tarefa “espírito e em verdade” (Jo 4,23).

2.1.4 Os tradicionais marginalizados e os novos marginalizados

A tecnologia não soluciona todos os nossos problemas. Pelo contrário, até cria alguns. O modelo litúrgico tradicional dos últimos anos tendia a excluir algumas pessoas das programações, especialmente as enfermas que tinham dificuldade de locomoção. Ambientes sociais também costumam gerar algum divisionismo. No caso de comunidades mais abastadas e elitizadas, é difícil que pessoas de classes pobres se encaixem bem. Algumas comunidades ficam até mesmo em lugares inacessíveis, onde não passam transportes públicos, não apenas dificultando, mas impedindo a entrada da camada carente da sociedade. Nesse sentido, as reuniões virtuais ajudam, permitindo a participação de enfermos e até quebrando paradigmas sociais, unindo pobres e ricos numa sala virtual. Mas essa questão social só pode ser realizada quando existe acessibilidade para o mundo da web. Um exemplo disso é dito por Mtukwa (2020, p. 1), o qual fala a partir de seu contexto do Quênia.

Os serviços de dados têm um preço e nem todos podem ficar online. Alguns membros da igreja não possuem smartphones. Recentemente, preguei em zoom para uma congregação de classe média e alta na África do Sul e rapidamente me dei conta de que, no meu contexto, eu não poderia fazer isso, pois se o fizesse, significa que a igreja será para uma minoria, visto que a elite em minha congregação é minoria.

Sua proposta para solucionar parcialmente esse problema é que, essas pessoas sejam atendidas de algum modo que respeite suas especificidades, por meio do envio de cartas para as pessoas que não têm acessibilidade virtual e também da visitação a elas, respeitando os protocolos de saúde e prevenção de contágio do novo coronavírus (MTUKWA, 2020, p. 2-3). Essa medida faz algum paralelo com o modo como ministros nazarenos fizeram na época da gripe espanhola. No entanto, além da classe mais pobre, também não podemos ignorar os idosos, que, muitas vezes não têm a mesma facilidade para navegar pelo mundo da internet como outras faixas etárias, vindo a se tornarem um novo e potencial grupo marginalizado. A comunidade local pode ajudar essas pessoas, treinando-as e dando algum suporte para que elas se sintam acolhidas e integradas.

2.1.5 A dinâmica das reuniões

Esta “época de maior isolamento [...] está fazendo com que a igreja reexamine o teor, formato e propósito de nossas reuniões corporativas e adapte nossa abordagem à formação espiritual” (HUNG, 2020, p. 2). Entender o contexto é importante, especialmente o contexto virtual. As reuniões não podem ser tão longas, pois facilitariam a dispersão durante a programação. A linguagem precisa seguir algum dinamismo e algum efeito híbrido de imagem, a fim de que as pessoas não se cansem do que estão vendo. Ignorar isso pode ser prejudicial para o bom aproveitamento das programações, pois as reuniões “online oferecem às pessoas uma maneira de se conectar e estudar juntas, mas, não é incomum os participantes desligarem suas câmeras e silenciarem seus microfones para esconder o fato de que estão fazendo outras coisas ou saírem inteiramente da sala” (HUNG, 2020, p. 3). É importante haver preocupação, mas, ao mesmo tempo, não extrapolar na forma como tais programações são realizadas. As reuniões conduzidas por meio de algum aplicativo de videoconferência tendem a ser mais interessantes, pois permitem interatividade, rodízio de falas, participação mais ativa. As transmissões (não que sejam erradas) tendem a criar um relacionamento superficial entre os ministros e os participantes, tornando os últimos em meros telespectadores.

2.1.6 A cultura on-line brasileira

Como apontado anteriormente, dificilmente haverá um retorno idêntico às atividades anteriores com algum grau de imediatismo. Mas, alguns elementos das liturgias virtuais são positivos, conforme destacados. Assim, é possível pensar em algum modelo híbrido desde já, enquanto as autoridades começam a liberar as atividades litúrgicas presenciais com algumas restrições e condicionantes. Podemos aprender com estudos pedagógicos e com metodologias didáticas que favoreçam esse novo momento, mas, principalmente lembrando que, as culturas docente e discente brasileiras ainda têm muito a desenvolver no que tange às questões do ensino a distância (EaD). Exemplo disso é a estatística de taxa de evasão de cursos na modalidade EaD,

divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). De acordo com esse órgão, a quantidade de alunos que desistiu dos cursos à distância em 2016 foi de 62% contra 55,6% nos cursos presenciais (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2019, p. 53). A dificuldade com recursos EaD chegou à liturgia. Um olhar atento dos brasileiros (provavelmente dos latino-americanos) para as dificuldades inerentes desse método de interação precisa estar em evidência, para que não haja a taxas de evasão similares às educacionais apontadas pelo INEP.

2.2 O desafio da administração dos sacramentos

Talvez, as realizações de programações que envolvam oração, ensino bíblico e louvores sejam mais fáceis de lidar nesse novo contexto, mesmo em meio a conservadorismos e suspeitas de uma liturgia virtual por parte de alguns. No entanto, o maior desafio reside na administração dos sacramentos e se eles também podem ser realizados nessa modalidade virtual. A Igreja do Nazareno adota a compreensão de que dois são os sacramentos a serem administrados pelos oficiais (nesse caso, presbíteros, diáconos e ministros licenciados), a saber, a ceia do Senhor e o batismo (MANUAL, 2018, p. 149-153). Sendo de tradição wesleyana, a Igreja do Nazareno adota a perspectiva calvinista da presença real de Cristo na ceia do Senhor, assumindo um posicionamento dialético entre o luterano consubstancial e o zwingliano memorialístico.⁷ O artigo de fé da Igreja do Nazareno referente à ceia do Senhor confirma esse dado:

Cremos que a Ceia de Comunhão instituída pelo nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é um sacramento, que proclama a Sua vida, sofrimentos, morte sacrificial, ressurreição e a esperança da Sua segunda vinda. A Ceia do Senhor é um meio da graça em que Cristo está presente pelo Espírito. Todos são convidados a participar pela fé em Cristo e a ser renovados na vida, salvação e na unidade como Igreja. Todos devem chegar em reverente apreço pelo seu significado e através dela proclamar a morte do Senhor até que Ele venha. Aqueles que têm fé em Cristo e amor pelos santos são convidados por Cristo a participar tão frequentemente quanto possível (MANUAL, 2018, p. 24).

A periodicidade estabelecida é de pelo menos uma vez por trimestre (MANUAL, 2018, p. 153), mas tem sido comum no Brasil a realização mensal, tradicionalmente no primeiro ou segundo domingo do mês. Há um certo grau de subjetividade quanto às pessoas que podem participar desse sacramento: “Todos quantos estão verdadeiramente arrependidos, abandonaram os seus pecados e creem em Cristo para a salvação, são convidados a participar na morte e ressurreição de Cristo” (MANUAL, 2018, p. 202). A ausência de uma explicitude quanto ao batismo como pré-requisito faz com que diversos ministros autorizem pessoas não batizadas a comerem do pão e beberem do vinho (nesse caso suco de uva, pois a Igreja do Nazareno é

⁷ González (2004, p. 168) explica essa questão: “Contra Zwinglio e os anabatistas, Calvino argumenta que os sacramentos são, de fato, eficazes. Negar tal eficácia, com base em que eles podem ser recebidos tanto por descrentes, quanto pelos fiéis, faria tanto sentido quanto negar o poder da Palavra, porque alguns a ouvem e não tentam para ela. [...] Por outro lado, aqueles que reivindicam que os sacramentos têm o poder de justificar e conceder graça também estão enganados. Seu engano consiste em confundir a ‘figura’ do sacramento com a ‘verdade’ contida nele”.

abstêmia), incluindo crianças, pois elas são consideradas moralmente irresponsáveis (MANUAL, 2018, p. 20). Mas, o que fazer com as pessoas que não podem ir ao culto específico em que a ceia do Senhor é celebrada e administrada? “Quando as pessoas não podem ir à reunião da Igreja, a Igreja deve ir até elas” (PETERSON, 2020, p. 4), o que está de acordo com o manual, que destaca: “Deve ser dada consideração à administração do serviço da Ceia do Senhor, sob a supervisão do(a) pastor(a), a pessoas que não possam sair da sua casa” (MANUAL, 2018, p. 153). Os tempos de pandemia e de quarentena impedem que as pessoas vão ao templo e a recomendação do intervalo máximo de três meses para a realização do rito da ceia, conforme descrito no manual (2018, p. 24), já foi superada. O que fazer em tais circunstâncias, então? A Junta Geral da Igreja do Nazareno não emitiu nenhum comunicado oficial sobre como as igrejas locais deveriam administrar esse sacramento, especificamente. Por isso, algumas ações têm sido tomadas de modo autônomo. A principal forma de celebração da ceia tem sido virtual, de modo que o(a) oficial da Igreja administra a cerimônia e incentiva os fiéis a separarem os elementos (pão e suco de uva) em suas casas. O(a) ministro(a) apresenta os elementos de todas as pessoas em oração, incluindo os seus, a fim de consagrá-los a Deus e, em seguida, recita textos neotestamentários das palavras de Jesus e de Paulo sobre o ritual, autorizando as pessoas a comerem e a beberem os elementos. Mas, nem todos os nazarenos se sentem confortáveis com esse procedimento. Peterson, por exemplo, externa suas inquietações:

Uma prática que me deixa um pouco desconfortável é um culto de adoração digital onde o pastor simplesmente instrui as pessoas a encontrarem pão e suco em suas casas e, em seguida, todos comem e bebem no final (com ou sem uma oração de consagração). Certamente Deus não é cativo apenas para poder consagrar elementos na proximidade física da voz do pastor. Além disso, os dons eucarísticos sempre foram sobre o que os indivíduos oferecem para a comunidade para ser usado em todo o encontro. No entanto, esta prática parece um pouco individualizada e, em muitos aspectos, parece mais distante de qualquer sentido da ceia do Senhor como uma renovação da Igreja. Isso seria semelhante a um culto de adoração digital onde os pastores dizem às pessoas que desejam ser batizadas para ir buscar água e, na hora certa, depois que o pastor orar, elas jogam a água na cabeça em suas próprias casas. Isso é simplesmente perder a natureza comunitária dos sacramentos (PETERSON, 2020, p. 4-5).

Apesar da preocupação de Peterson, é preciso destacar que, o ritual on-line não individualiza o ato da ceia. Isso aconteceria se as pessoas resolvessem cear autonomamente, sem a ministração e administração do rito por um ministro autorizado pela Igreja. No entanto, é preciso tomar aquele cuidado já destacado em que a pessoa assiste um culto transmitido por canais que não propiciam a interação e tornam as pessoas em telespectadoras. Nesse caso, os mecanismos de videoconferência são mais eficazes a minimizar os impactos da *communio sanctorum desencarnada*. Um ponto positivo nisso é que, “onde houver provisões para todos, eles podem participar do pão e do cálice da comunhão ao mesmo tempo que todos os outros, e não mais tarde, se alguém se lembrar de visitá-los” (POTTENGER, 2020, p. 4), privilegiando, assim, a inclusão daqueles que estão enfermos e que não poderiam se deslocar para o templo no

dia do culto de ceia do Senhor. Outra questão é que, a “oportunidade de participar online da eucaristia não precisa dissolver o desejo de se juntar no futuro na eucaristia comunitária fisicamente presente” (DUCE, 2020, p. 4). Na verdade, “o efeito pode ser exatamente o oposto. A singularidade dessa experiência on-line pode ser um catalisador que motiva os participantes a terem fome e sede para se reunirem com outras pessoas em uma sala física” (DUCE, 2020, p. 4). Mesmo assim, há outras comunidades assumindo uma espécie de jejum sacramental da ceia do Senhor e que somente retomarão esse rito quando as atividades presenciais também regressarem. “Em vista de todos os desafios e adaptações, algumas congregações estão jejuando intencionalmente nos sacramentos”, isto é, elas “reconheceram como essas celebrações são comunitárias e simplesmente estão convidando suas congregações a um espaço de espera. Isso celebra que a cura de Deus não se restringe aos sacramentos e, para essas igrejas, celebra o profundo senso comunitário dos sacramentos” (PETERSON, 2020, p. 5). Entretanto, essa argumentação acaba privilegiando mais o modelo memorialístico da ceia do que o da presença real de Cristo.

Para Peterson (2020, p. 4-5), a realização da ceia com o auxílio da tecnologia justificaria, em mesma medida, batismos virtuais, no qual o(a) ministro(a) orienta o batizando à distância e realiza o rito batismal. Essa conclusão, no entanto, é falaciosa por duas razões: primeiro, porque a Igreja do Nazareno não adota a doutrina da regeneração batismal, o que possibilita aguardar a retomada das atividades presenciais ou mesmo as medidas de flexibilização das atividades consideradas não essenciais pelos governos (pois no caso do Brasil, as cerimônias religiosas se enquadraram nesses tipos de serviços não essenciais); segundo, porque o *modus operandi* de administração dos dois sacramentos são distintos, não precisando haver um paralelismo obrigatório entre eles.

De qualquer modo, a questão do batismo é útil para trazer à tona um princípio importante para as especificidades de momentos como esse. Trata-se da *adaptabilidade da Igreja*. Podemos lembrar sobre a adaptabilidade da igreja primitiva por meio do *Didaquê*, que orientava sobre a administração do batismo em questões circunstanciais. O(s) autor(es) do livro aponta(m) que deve-se preferir a realização do batismo em água corrente, a partir de onde inferimos a prática imersionista. Mas, no caso de não haver água corrente disponível, isso não deve ser empecilho, podendo ser realizado em alguma fonte “parada”, como um lago, por exemplo. A preferência também deveria ser por água fria, mas, na ausência desse tipo de fonte, não havia problema em realizar o sacramento do batismo em alguma fonte termal de água. A temperatura da água, inferimos aqui, poderia ser tanto para circunstâncias geográficas como para questões de saúde de determinados indivíduos que não podiam entrar em água gelada. Mas, o que chama a atenção, é a singeleza com que o documento trata a versatilidade das formas batismais, autorizando que, “as comunidades cristãs que viviam com medo da perseguição” fizessem “o batismo dentro de casa por aspersão ou derramamento”, a fim de “não [...] correr o risco de tortura ou morte por causa de uma reunião pública em um rio” (WOOD, 2020, p. 4).

Isso ainda faz lembrar um episódio inusitado, narrado por São João Mosco (550-619), um monge bizantino. Em sua obra *Pratum spirituale* (Prados espirituais), ele conta que dez homens caminhavam pelo deserto fugindo da guerra da região palestina. Nove deles eram cristãos e o outro era hebreu. Um dos cristãos fora descrito como um *philoponos*, isto é, um homem trabalhador e de iniciativa. Depois de caminharem por um longo tempo por aquela região arenosa, o hebreu ficou doente, sem conseguir andar. Os cristãos carregavam-no nos ombros, ajudando-o a prosseguir no caminho. No entanto, mesmo diante desses esforços, o hebreu acabou agravando sua enfermidade e ficou com uma febre muito alta, já à beira da morte. Além da febre ardente, ele tinha muita sede, fome e cansaço, que se misturavam com a infecção, o calor escaldante do deserto e a falta de alimentação e hidratação. Não havendo mais o que ser feito, os cristãos estavam dispostos a deixar o hebreu pelo caminho e seguirem sua trajetória. Foi quando o hebreu percebeu isso e entrou em estado de agonia, chorando copiosamente e pedindo para que eles não o deixassem morrer como judeu, pois ele queria ser batizado. No entanto, duas situações eram impeditivas: a falta de um ministro (bispo ou padre) e falta de água. Contudo, o homem adjetivado como *philoponos* tomou a iniciativa de batizar o hebreu. Ele encheu suas mãos de areia e deixou os grãos escorrerem sobre a cabeça do moribundo por três vezes, dizendo que ele era batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Cada vez que uma pessoa da Trindade era mencionada, todos os homens diziam “amém”. O hebreu foi curado de sua enfermidade logo depois do batismo e seguiu o caminho novamente, chegando a Ascalão, onde o bispo era um homem chamado Dionísio. Depois de ouvir o relato e de se maravilhar com o milagre, Dionísio convocou o clero para discutir a validade do tal batismo com areia. A questão dividiu o público presente. Mas, ao final da reunião, o *philoponos* foi ordenado a Diácono, a iniciativa do batismo por areia foi aceita dentro daquela exceção e o ex-judeu foi conduzido ao rio Jordão para ser oficial e finalmente batizado (MOSCHOS, 1992, p. 144-146).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio demonstrou que, situações críticas já ocorreram em outras épocas e que os efeitos atingiram diversas proporções e áreas da sociedade. A ideia de que a pandemia do novo coronavírus é algo novo não é verdade. Ao longo dos vários anos da era cristã, as pessoas lidaram com situações ainda piores do que a que estamos vivendo no momento. Claro que esse histórico nos permite tomar decisões mais sábias e muito provavelmente é por isso que os efeitos negativos da atual pandemia estão sendo contidos com melhor eficácia. Em se tratando de como o cristianismo lida com as crises, seguimos a proposta do sociólogo Armin Steil para analisar o modo como os nazarenos enfrentaram a pandemia da gripe espanhola entre os anos de 1918 e 1920. Vimos que os modelos mais salientes foram o sacerdotal e o profético e que as excentricidades do primeiro foram bem domados na época. Mesmo assim, a postura diante daquela pandemia estava longe de ser perfeita e alguns detalhes deixaram a desejar, como as

realizações de assembleias distritais e uma Assembleia Geral bem em meio à pandemia da gripe espanhola.

Os dados da pandemia passada ficaram como aprendizado e nesse novo momento pandêmico, é possível que a Igreja do Nazareno lide melhor com as especificidades emergentes. Um ponto positivo é que, pela primeira vez na história dessa denominação, uma Assembleia Geral será adiada. A pandemia da gripe espanhola foi dura e, como vimos, matou milhões de pessoas pelo mundo. Mesmo assim, a Junta Geral da Igreja do Nazareno manteve a Assembleia Geral de 1919 (que recebia delegados de outros países) e até mesmo deliberou a mudança do nome da denominação, retirando a nomenclatura “pentecostal”, dentre diversas outras ações. Dessa vez, a atitude tem sido mais sábia e, em nota oficial, “a Junta de Superintendentes Gerais determinou que as atuais condições globais, incluindo riscos à saúde, mobilidade restrita e falta de recursos financeiros, criam limitações para uma representação verdadeiramente global” para a “Assembleia Geral programada para 2021”, de modo que “a Comissão da Assembleia Geral, portanto, adiou a reunião para 2023” (CHURCH OF THE NAZARENE, 2020). Também tem sido sábio não intervir diretamente no *modus operandi* da administração dos sacramentos, dando algum grau de autonomia às igrejas locais, desde que haja respeito à tradição doutrinária registrada nos artigos de fé e aos protocolos de saúde estabelecidos pelos órgãos públicos responsáveis, estimulando melhor a comunicação entre as juntas locais e as juntas distritais a partir de ações conjuntas e contextuais, bem como ações alinhadas com os órgãos de saúde. Vimos que o cristianismo histórico tem se atentado a essas especificidades contextuais e que isso tem sido saudável para a práxis eclesial. As respostas da Igreja do Nazareno diante dos desafios proporcionados pelo novo coronavírus não são perfeitas, mas, tem seguido as bases quadrilaterais da tradição wesleyana (Escritura, tradição, razão, experiência) e de seus acréscimos posteriores (criação e contexto).⁸

REFERÊNCIAS

BASSET, Paul M. The fundamentalist leavening of the Holiness Movement. **Wesleyan Theological Journal**, Chicago, v. 13, n. 1, p. 65-91, mar./jun. 1978. Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/fileadmin/imported_site/wesleyjournal/1978-wtj-13.pdf>. Acesso em: 2 out. 2020.

BENJIMAN, Gabriel. Temple building, technology and worship in a time of isolation. **Didache**, Kansas City, v. 20, n. 1, p. 1-4, jun./set. 2020. Disponível em: <<http://didache.nazarene.org/index.php/filedownload/didache-volumes/vol-20/1276-didache-v20n1-05-temple-building-technology-and-worship-benjiman/file>>. Acesso em: 6 out. 2020.

CHURCH OF THE NAZARENE. **30th General Assembly & Conventions**. Lenexa, 2020. Disponível em: <<https://nazarene.org/generalassembly>>. Acesso em: 6 out. 2020.

COUTO, Vinicius. Breve história da Igreja do Nazareno: suas origens, heranças e chegada ao Brasil. **Caminhando**, São Bernardo do Campo, v. 24, n. 2, p. 217-237, jul./dez. 2019a.

⁸ Para mais informações sobre as bases quadrilaterais e os acréscimos, veja Couto (2019b). **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 213-230, jul./dez. 2020
228 ISSN 2595-8208

Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/9712/7082>>. Acesso em: 5 out. 2020.

COUTO, Vinicius. **Quadrilátero wesleyano como método teológico e hermenêutico**: revisitação, adaptação e renovação. São Paulo: Reflexão, 2019b.

COUTO, Vinicius. **Uma igreja do povo e para o povo**: santidade, irenismo e avivamento na história da Igreja do Nazareno. 2 ed. São Paulo: Reflexão, 2019c.

CUNNINGHAM, Floyd. **Our watchword and song**: the centennial history of the Church of the Nazarene. Kansas City: Beacon Hill, 2009.

DUCE, Jan. The body of Christ: together in more ways than one. **Didache**, Kansas City, v. 20, n. 1, p. 1-4, jun./set. 2020. Disponível em: <<http://didache.nazarene.org/index.php/filedownload/didache-volumes/vol-20/1275-didache-v20n1-04-body-of-christ-duce/file>>. Acesso em: 6 out. 2020.

GARRISON, Greg. What clergy said when influenza closed churches in 1918. **Alabama Local News**, 17 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.al.com/coronavirus/2020/04/what-clergy-said-when-influenza-closed-churches-in-1918.html>>. Acesso em: 5 out. 2020.

GOBEL, Eric A. Liturgical processions in the black death. **The Hilltop Review**, Kalamazoo, v. 9, n. 2, p. 32-46. mar./jun. 2017. Disponível em: <<https://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1248&context=hilltopreview>>. Acesso em: 5 out. 2020.

HUNG, Albert. Stitching a new garment: holistic discipleship during COVID-19. **Didache**, Kansas City, v. 20, n. 1, p. 1-4, jun./set. 2020. Disponível em: <<http://didache.nazarene.org/index.php/filedownload/didache-volumes/vol-20/1278-didache-v20n1-07-stitching-a-new-garment-hung/file>>. Acesso em: 6 out. 2020.

INFLUENZA ENCYCLOPEDIA. **The American influenza epidemic of 1918-1919**: a digital encyclopedia. Ann Arbor: University of Michigan Center for the History of Medicine and Michigan Publishing, 2016. Disponível em: <<https://www.influenzaarchive.org/index.html>>. Acesso em: 5 out. 2020.

INGERSOL, Stan. How Nazarenes confronted a pandemic a century ago. **Past to Present**, 6 maio 2020a. Disponível em: <<https://www.pbusa.org/202005-stan>>. Acesso em: 5 out. 2020.

INGERSOL, Stan. **Past and prospect**: the promise of Nazarene history. Eugene: Wipf and Stock, 2014.

INGERSOL, Stan. The deaconesses during the Spanish influenza epidemic of 1918-1920. **Nazarene Archives**, Lenexa, 30 abr. 2020b. Disponível em: <<http://www.findglocal.com/US/Lenexa/134614599943106/Nazarene-Archives>>. Acesso em: 5 out. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo da educação superior 2018**: divulgação dos resultados. Brasília, 2019. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior2018.pdf>. Acesso em: 6 out. 2020.

MANUAL DA IGREJA DO NAZARENO. **Manual 2017-2021**. Campinas: Nazalivros, 2018.

MTUKWA, Gift. Ministering in a pandemic: learning from the apostle in 1 Thessalonians. **Didache**, Kansas City, v. 20, n. 1, p. 1-5, jun./set. 2020. Disponível em: **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 213-230, jul./dez. 2020
ISSN 2595-8208 229

<<http://didache.nazarene.org/index.php/filedownload/didache-volumes/vol-20/1277-didache-v20n1-06-ministering-in-a-pandemic-mtukwa/file>>. Acesso em: 6 out. 2020.

MOSCHOS, John. The beautiful story of Abba Andrew about ten travellers, of whom one was a Hebrew. In: MOSCHOS, John. **The spiritual meadow** (*Pratum Spirituale*). Kalamazoo: Cistercian Publications, 1992. p. 144-146.

OLIVEIRA, Edmilson G. O que aprendemos com essa pandemia? **Figueira**, Valinhos, v. 21, n. 252, p. 7, out. 2020.

PERABEAU, Charles L. **The Church of the Nazarene in the U.S.:** race, gender and class in the struggle with Pentecostalism and aspirations toward respectability, 1895-1985. 2011, 227p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculty Scholarship Sociology, Drew University, Madison, 2011.

PETERSON, Brent. Sacraments in a pandemic. **Didache**, Kansas City, v. 20, n. 1, p. 1-5, jun./set. 2020. Disponível em: <<http://didache.nazarene.org/index.php/filedownload/didache-volumes/vol-20/1279-didache-v20n1-08-sacramental-pandemic-peterson/file>>. Acesso em: 6 out. 2020.

POTTENGER, Andrew J. “Insult to the incarnation?” Online technology and Christian worship after COVID-19. **Didache**, Kansas City, v. 20, n. 1, p. 1-5, jun./set. 2020. Disponível em: <<http://didache.nazarene.org/index.php/filedownload/didache-volumes/vol-20/1274-didache-v20n1-03-online-tech-and-worship-pottenger/file>>. Acesso em: 6 out. 2020.

SMITH, Peter. Closed houses of worship served during 1918 flu pandemic. **Pittsburgh Post-Gazette**, 20 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.post-gazette.com/news/faith-religion/2020/04/20/Calvary-Episcopal-Church-Pittsburgh-Spanish-flu-1918-pandemic-influenza-COVID-19/stories/202004010168>>. Acesso em: 5 out. 2020.

SMITH, Timothy. **Called unto holiness:** church history commission. Kansas: Nazarene Publishing House, 1962.

SPREEUWENBERG, Peter; KRONEMAN, Madelon; PAGET, John. Reassessing the global mortality burden of the 1918 influenza pandemic. **American Journal of Epidemiology**, Nova York, v. 187, n. 12, p. 2561-2567, dez. 2018. Disponível em: <<https://academic.oup.com/aje/article/187/12/2561/5092383>>. Acesso em: 5 out. 2020.

STEIL, Armin. **Krisensemantik:** wissenssoziologische untersuchungen zu einem topos moderner zeiterfahrung. Opladen: Leske and Budrich, 1993.

WESLEY, John. **The works of the reverend John Wesley.** Nova York: J. Emory and B. Waugh, 1831. v. 7.

WOOD, Joseph. What the early church can teach us about COVID-19: worship practices, adaptability and concern for the other. **Didache**, Kansas City, v. 20, n. 1, p. 1-7, jun./set. 2020. Disponível em: <<http://didache.nazarene.org/index.php/filedownload/didache-volumes/vol-20/1280-didache-v20n1-09-early-church-and-covid19-wood/file>>. Acesso em: 6 out. 2020.

ZENTNER, McLaurine H. **The black death and its impact on the church and popular religion.** Oxford: University of Mississippi, 2015.

Recebido em: 06/10/2020.
Aceito em: 04/12/2020.